



## Visão de uma sexóloga-deputada em Pequim

por Marta Suplicy

**A** Conferência Mundial da Mulher foi um êxito. Controvérsias, piquetes fundamentalistas bem articulados... Não importa. O avanço da consciência mundial sobre igualdade, justiça e Direitos Humanos, à luz da perspectiva de gênero foi consolidado.

A situação das mulheres passa a ser considerada, em nível mundial, parâmetro para medir o grau de democracia e de justiça nos mais diferentes países.

Para um grupo como o GTPOS, esta Conferência nos faz pensar como foi acertada a prioridade que nossos cursos de capacitação deram à questão de gênero. Esta palavra (rechaçada na reunião preparatória ocorrida em Nova York, para a IV Conferência), que significa a construção social e cultural da desigualdade entre os sexos,

está agora incorporada nos documentos oficiais e faz parte da Plataforma de Ação dos países vinculados à ONU.

O capítulo IV, Objetivos e Medidas, com 210 artigos, propõe (entre eles) “planejar, estabelecer e implementar programas e políticas públicas, em todas as áreas, com perspectivas de gênero, isto é, levando em conta a situação de homens e mulheres.”

No caso da capacitação de profissionais de orientação sexual, a sensibilização à importância do tema é fundamental. Não se construirá um mundo mais justo e de cidadania plena para mulheres, assim como o sexo não será usufruído em sua plenitude, se a adolescência não tiver consciência do patriarcado, do machismo e suas conseqüências no cotidiano.

**Avanços foram consolidados na Conferência de Pequim.**

► continua na página 2

### EDITORIAL

**O**s últimos números da contaminação pelo HIV no Estado de São Paulo, apontam a proporção de uma mulher para cada homem. Na Conferência da Mulher, em Pequim, concluiu-se que a epidemia está crescendo muito entre as mulheres mais pobres e mais jovens dos países do Terceiro Mundo. Como conseqüência, temos um aumento de crianças que nascem com suspeita de ter o vírus.

Inúmeros dados e estatísticas poderiam ser acrescentadas à estas, mas seriam redundantes em que pese a urgência no desenvolvimento de ações preventivas.

Com a proximidade do dia 1o. de dezembro, Dia Internacional da Luta Contra a AIDS, incentivamos todos aqueles que se preocupam com esta questão a trazer a prevenção, através de qualquer meio ou iniciativa, para o foco da discussão, de conversas informais e das ações educativas.

**GTPOS -  
Grupo de Trabalho  
e Pesquisa  
em Orientação  
Sexual**



## EVENTOS



### I Seminário Temático "A História do Pensamento Cristão sobre a Sexualidade no Ocidente"

15, 16 e 17 de dezembro de  
1995.

Vinhedo/SP

Católicas pelo Direito de Decidir  
Informações fone/fax: (011)575-  
6036



### ECOS

### Distribuição de 15.000 eti- quetas com diversas formas de colocar a camisinha

1º de dezembro de 1995.

Local: em 30 escolas públicas



### GTPOS

### Mostra de trabalhos realiza- dos por adolescentes, nos projetos de prevenção da AIDS

Local: FEBEM e Favela Heliópolis.  
Semana de 1º de dezembro

# C A P A

## Visão de uma sexóloga-deputada em Pequim

### ▶ continuação

Os temas mais controversos e que sofreram maior lobby na Conferência foram os direitos reprodutivos e sexuais.

De um lado, os fundamentalistas religiosos (do Irã, dos países muçulmanos como Iraque, Marrocos, Sudão, Malta), o Vaticano e os países com ele alinhados (Argentina, Equador, Panamá, Guatemala).

De outro lado, os países liberais pela União Européia, Estados Unidos, Canadá, com posições mais atualizadas, querendo avançar em relação às conquistas do Cairo, com o reconhecimento de direitos sexuais e direitos à sexualidade, livre em suas manifestações.

O tema "aborto" não ficou no centro dos debates, pois já ficou acertado no Cairo que deve ser contemplado pelas legislações nacionais. Foi obtido – e este foi um grande avanço – o reconhecimento de que abortos inseguros ameaçam a vida e a saúde das mulheres. Entrou no documento a necessidade de revisão das legislações que penalizam as mulheres que praticam abortos.

No campo da Orientação Sexual na escola, a briga foi feia. Havia uma tendência dos fundamentalistas e também dos países católicos, como a representante da Guatemala, que se empolgava explicando como tais programas levavam à promiscuidade, ao sexo precoce, etc., de tentarem restringir o acesso às informações sobre sexualidade e sobre saúde reprodutiva nos serviços públicos. A idéia destes países era deixar aos pais o direito de decidir quando e como estas informações chegariam às crianças e adolescentes (em alguns países nunca).

O resultado foi um parágrafo bastante confuso, no qual é reconhecido o direito da criança e do adolescente a informações com confidencialidade (invocando-se a Convenção sobre os Direitos da Criança) e se remete também aos pais, pois a eles cabe o dever de prover este direito.

A Conferência realizada em Beijng deu início ao novo século, que será regido pelos direitos plenos de cidadania. E nisto, está inserida a Orientação Sexual nas escolas.

**Quem decide  
sobre  
o direito  
à informação?**

# E S P A Ç O D O E D

## Integração Escola e Unidade Básica de Saúde

**A** necessidade era visível, e algo precisava ser feito. Diariamente adolescentes vinham ao serviço para fazer o teste de gravidez, às vezes já portadoras de alguma DST.

A equipe da Unidade Básica de Saúde (UBS) - Vila Império mobilizou-se, e a partir do estudo de várias experiências existentes, optamos por trabalhar junto à 3 Escolas Municipais (EMPG), de

nossa região, em um Projeto de Formação de Adolescentes Multiplicadores. Este Projeto se propunha informar e orientar na área da sexualidade e na prevenção das DST/AIDS. As escolas se entusiasmaram, e os pais de alunos apoiaram em sua maioria.

Iniciamos com uma sensibilização dos professores, e alguns deles integraram-se à equipe da UBS no Projeto.

Começamos a implantação das ações junto aos adolescentes, de 1º a 8º séries do 1º Grau, realizando reuniões semanais nas EMPG, sempre com a participação de no mínimo 2 técnicos da UBS, e 1 ou 2 professores. Nestas reuniões são trabalhadas questões a respeito do corpo, surgimento da sexualidade, e informações acerca das DST/AIDS.

Este Projeto vem sendo

## LANÇAMENTO

# Sexo se aprende na escola

por Maria Rosa da Silva

Lançamos em, 18/09 p.p., na Livraria da Vila, o livro *Sexo se Aprende na Escola*, pela Editora Olho D'Água.

Os dez autores do livro, integrantes do GTPOS, se sentiram homenageados pela presença de seus colegas, familiares e amigos. Foi uma noite festiva, que contou com a presença do Prof. Paulo Freire. Sentimos que a greve dos correios tenha prejudicado a distribuição dos convites, e impossibilitado a presença de alguns de nossos professores, a quem o livro foi dedicado.

Fruto da experiência vivenciada pelos autores em trabalhos realizados em escolas públicas e particulares, o livro aborda todos os passos necessários à implantação de um trabalho de Orientação Sexual: cuidados iniciais, uso da metodologia participativa, resultados e dificuldades encontradas. Tudo isto numa perspectiva de troca entre os profissionais que querem desenvolver este trabalho.

Hoje, as escolas se deparam com a necessidade de incluir a sexualidade nos currículos. Há urgência em trabalhar “sexo protegido”, para que as novas gerações possam usufruir o sexo com prazer e sem correr riscos. Como concretizar uma proposta pedagógica incluindo sexualidade? A leitura deste livro aponta caminhos.



♦  
O Guia de  
Orientação Sexual  
é uma publicação  
do GTPOS/ECOS/  
ABIA

## GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL: SEU USO EM QUESTÃO

Por Ricardo de Castro e Silva

Hoje, a equipe do GTPOS pode avaliar alguns dos objetivos que tínhamos na produção e utilização do **Guia**.

Num primeiro momento acompanhamos um movimento de utilização deste material como “cartilha”, utilizada com suas verdades que deveriam ser copiadas no quadro negro e decoradas. Este era nosso medo desde o início.

Hoje percebemos o uso diversificado de seu conteúdo. Vem sendo utilizado como base para construção de instrumentos de avaliação de projetos de Orientação Sexual, como desencadeador de discussão entre professores em seus momentos de formação e no exercício de construção de conceitos básicos a serem trabalhados junto ao adolescente. Esta última atividade tem sido de grande

riqueza no sentido de possibilitar que todos sejam pensadores destes conceitos.

A discussão que fizemos no momento de construí-lo deverá necessariamente continuar a ser feita, por todos aqueles envolvidos diretamente neste universo de ações. Desta forma sua denominação de guia passa a incorporar seu real significado: guia de discussões e de construções próprias dos conceitos da sexualidade humana.

Alguns professores nos relatam a dificuldade em transformar as mensagens do **Guia** em atividades didáticas para sala de aula. *Convidamos todos que já desenvolveram este trabalho, criando técnicas pedagógicas a partir do Guia, a nos escrever, para que possamos divulgar e compartilhar as boas experiências.*

## U C A D O R

realizado há 2 anos, pautado em uma metodologia de construção do conhecimento coletivo, sendo que no momento os jovens estão iniciando o processo de multiplicação.

Como resultados preliminares do trabalho, registramos a demanda de jovens que vêm ao posto solicitar que o trabalho seja estendido às suas escolas, além de um grande fluxo de adolescentes que vêm em busca

de preservativos, e recebem junto com a camisinha, atendimento e orientação para usá-la de forma adequada.

♦ **Equipe da UBS – Vila Império**  
**Hilda Jerônimo,**  
**Leila Tena, Luciane Berzotti, Maria Angélica Tabaki, Marisa Pavão, Otília dos Santos e Vera Fontão.**



### BOLETIM GTPOS Nº 5

é uma publicação trimestral do

**GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual**

Rua Monte Aprazível, 143 – Vila Nova Conceição – 04513-030 São Paulo/SP - Brasil  
Fone (011) 822.8249 – Fax (011) 822.2174

#### EQUIPE DO GTPOS:

Presidente de Honra: *Marta Suplicy*

Presidente: *José Luiz Brant de Carvalho*

Vice-Presidente: *Ivone do Canto Almeida*

Antonio Carlos Egypto, Cordélia de Souza Castelo Branco, Dalva Taveira Menocci, Elisabeth Bahia Figueiredo, Elisabeth Maria Vieira Gonçalves, Francisca Veitas Vergueiro Vonk, Maria Aparecida Barbirato, Maria Cecília Pereira da Silva, Maria Cristina Machado da Costa, Maria Cristina Domingues Pinto, Maria da Glória Camargo Macruz, Maria Rosa da Silva, Ricardo de Castro e Silva, Rosângela Maria Rigo, Silvío Duarte Bock e Yara Sayão. **Secretaria:** Lane Ferreira Magalhães, Maria de Fátima Bezerra Costa Porto.

#### APOIO: FUNDAÇÃO MACARTHUR

**Coordenação Editorial:** Francisca Veitas Vergueiro Vonk **Colaboraram nesta edição:** Dalva Taveira Menocci, José Luiz Brant de Carvalho, Maria Aparecida Barbirato, Maria Cecília Pereira da Silva, Maria Rosa da Silva, Marta Suplicy, Ricardo de Castro e Silva. **Jornalista responsável:** Nelma de Fátima Firmiano (MTB 13582) **Projeto Gráfico e Edição de Arte:** Moema Kuyumjian **Impressão:** Gráfica Colortek **Tiragem:** 4.000 exemplares



**CURSOS**

**Capacitação Inicial  
para o  
Trabalho de  
Orientação  
Sexual  
com Adolescentes**

22, 23 e 24 de Março/96



**Capacitação Inicial  
para o Trabalho de  
Orientação  
Sexual com  
Crianças**

19 e 20 de Abril/96



**Aids Previne-se**

24, 25 e 26 de  
Novembro/95  
e 17, 18 e 19  
de Maio/96

Gratuito, vagas limitadas

**Inscrições  
pelos telefones:  
(011) 822.8249  
(011) 822.2174**

## Apelo ao diálogo

por José Luiz Brant de Carvalho

Muitas campanhas de Prevenção da AIDS têm sido realizadas na tentativa de barrar a evolução da epidemia. Em cada uma delas são despertados sentimentos que podem impedir o diálogo – momento fundamental para a adoção de comportamentos necessários ao uso da camisinha – atualmente nossa única vacina de solidariedade.

Nas primeiras campanhas, verificou-se que o apelo ao medo – “AIDS MATA” – provocou o sentimento de negação do risco e a busca de atalhos defensivos – “Isso não vai acontecer comigo” – que visam aliviar a angústia despertada pela AIDS. Nas seguintes, tentou-se enfatizar os aspectos positivos do relacionamento – “quem se ama se cuida”. Em ambas, os resultados, mudanças de comportamento – uso da camisinha – foram insatisfatórios.

Agora iniciou-se uma nova campanha que abriu espaço para a discussão de valores que estão mexendo com todo mundo. Outra vez, corre-se o risco de não despertar os sentimentos necessários para a mudança de comportamento.

### **POR QUE ACONTECE ISSO?**

É necessário o espaço educativo, onde o fundamental é o diálogo – o apelo mais eficaz na construção de novos valores no desenvolvimento da sexualidade. Medo, amor, e agora, alegria. Essa campanha elaborada pelo Ministério da Saúde é criativa e inovadora. Apelamos aos milhares de educadores para que aproveitem as temáticas levantadas na prevenção da AIDS estimulando o diálogo como caminho de cidadania – o homem todo e todos os homens nas novas relações de ser homem e de ser mulher.

## A difícil prevenção

por Maria Aparecida Barbirato

Atual campanha de prevenção da Aids do Ministério da Saúde apresenta, com humor, mensagens diretas e claras sobre práticas de sexo protegido. Prioriza a transmissão do HIV pela via sexual, responsável pela maior incidência nas estatísticas de contaminação. Dirige-se aos homens, hoje ainda com muito mais cacife do que as mulheres para dar as cartas e definir as regras no jogo sexual. Lança mão da alegoria do homem conversando com o próprio pênis, talvez, por ser evento raro que homens compartilhem seus dilemas afetivo/sexuais. Encaminha, entre “os personagens”, uma negociação amistosa a respeito do assunto. É uma campanha que acerta o alvo, do ponto de vista das estratégias de prevenção.

Por que, então, desencadeou tanta polêmica? Acredito que o acerto da campanha levou a sociedade a se deparar com sua própria resistência a enfrentar o problema. O teor e o tamanho da polêmica são o sintoma dessa resistência.

Sem desconsiderar a aceitação da campanha detectada por pesquisas de opinião, o que protagonizou as acaloradas discussões pelo país afora foi a questão de como se referir ao pênis, como nomeá-lo..., ao mesmo tempo totem e tabu. O debate se deslocou da proposta do uso da camisinha para as divergências quanto à “identidade de seu suposto usuário”!!!

Em oficinas de prevenção da AIDS ocorre mecanismo semelhante: os grupos se detêm no questionamento de situações que não envolvem risco, evitando a discussão fundamental sobre os comportamentos que, de fato, são arriscados. Pedem certezas e ao mesmo tempo duvidam das estatísticas. Enfim, explicitam de variadas maneiras, sua resistência em admitir a necessidade de negociar e transformar sua prática sexual em função da AIDS.

Um percurso longo e às vezes difícil envolve a possibilidade interna de articular o prazer com a realidade. E a prevenção da AIDS atualiza este desafio em todos nós.

**A  
polêmica  
despertada  
amplia  
o diálogo.**